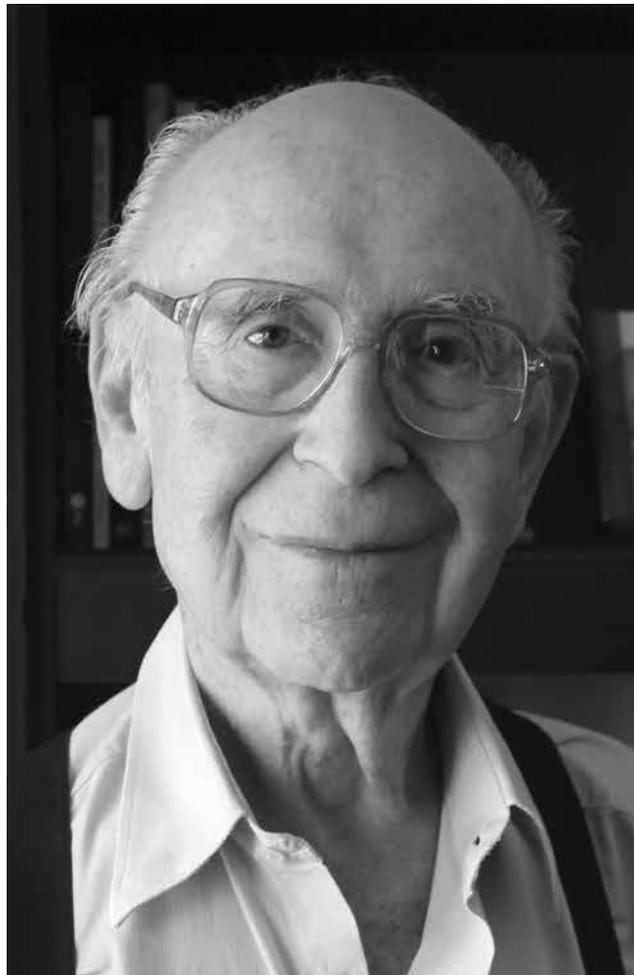


HANS SIGISMUND BERGMANN¹

(Berlim, Alemanha, 1925; S. Paulo, Brasil, 2018)



Hans Sigismund Bergmann durante entrevista concedida à equipe Arqshoah. Fotografia de Lais Rigatto Cardillo. S. Paulo, 8 de maio de 2013.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

¹ Entrevista concedida por Hans Sigismund Bergmann, com a presença de sua filha Lia Bergmann, a Lais Rigatto Cardillo e Luba Schvez. S. Paulo, 4 de janeiro de 2015. Transcrição: Raissa Alonso. Pesquisa e transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Câmera: Lais Rigatto Cardillo.

Minhas raízes judaico-alemãs

Meu nome é Hans Sigismund Bergmann, nasci em Berlim em 10 de setembro de 1925, filho de Herbert Bergmann e Dorothea Bergmann, casados em 28 de agosto de 1924. Meu pai nasceu em 15 de outubro de 1884, em Friedeberg/Neumark, filho de Sigismund Bergmann – por isso meu nome, na verdade, Hans Sigismund Bergmann – e de Katherine Bergmann, cujos túmulos eu visitei no Cemitério Judaico Berlim Weißensee (*Jüdischer Friedhof Berlin-Weißensee*).^A Ambos faleceram em 1914. Meu pai, então comerciante, casou-se com Dorothea Baruch em 28 de agosto de 1924, época em que ele residia em Charlottenburg, na Bayernalles n° 2 e ela em Berlim-Schoeneberg, na Neue Winterfelstrass n° 33. Minha avó Dorothea, segundo consta na certidão de casamento, nasceu em 30 de abril de 1884, em Krotoszyn, na Polônia.^B



Berlim, cidade natal de Hans Sigismund Bergmann.
Google Maps.

A- Cemitério Judaico Berlim Weißensee (*Jüdischer Friedhof Berlin-Weißensee*), o mais antigo cemitério de Berlim que, entre 1672 e 1827, contava com cerca de 12 mil judeus ali enterrados entre os números 26 e 27 da rua que, depois, passou para o Schönhauser Allee. Em 1827, após o fechamento, serviu de parque para o *Altenheim* (Asilo de idosos) e, em 1880, outro cemitério foi construído, que hoje retrata a história da comunidade judaica de Berlim. Em 1927 foi inaugurado um memorial em homenagem aos 12 mil soldados judeus alemães mortos na Primeira Guerra Mundial. Em 1943, a mando da *Gestapo*, homens da SS invadiram o centenário cemitério, quebraram muitas das lápides, desenterraram os ossos e jogaram futebol com os crânios. Tudo isso foi assistido pelos 50 judeus, moradores do asilo, cujo prédio foi transformado em um centro de confinamento (*Sammellager*). Em 2 de junho de 1942, esses idosos foram obrigados a marchar até a Monbijouplatz, sendo dali transportados em ônibus especiais para Theresienstadt.

B- Krotoszyn (alemão: *Krotoschin*, ídiche: ארטשין *Kortshin*) foi fundada em 1415 no centro-sul da Polônia. Durante o domínio alemão no século XIX, após as partilhas do Reino da Polônia, a cidade integrou a província prussiana de Posen. Entre 1975 e 1998 fez parte da voivódia de Kalisz e, a partir de 1999, passou a integrar a Grande Polónia. Em 2005, o condado contava com 30.010 habitantes e, em 2014, com 41.342.

Hans Sigismund Bergmann

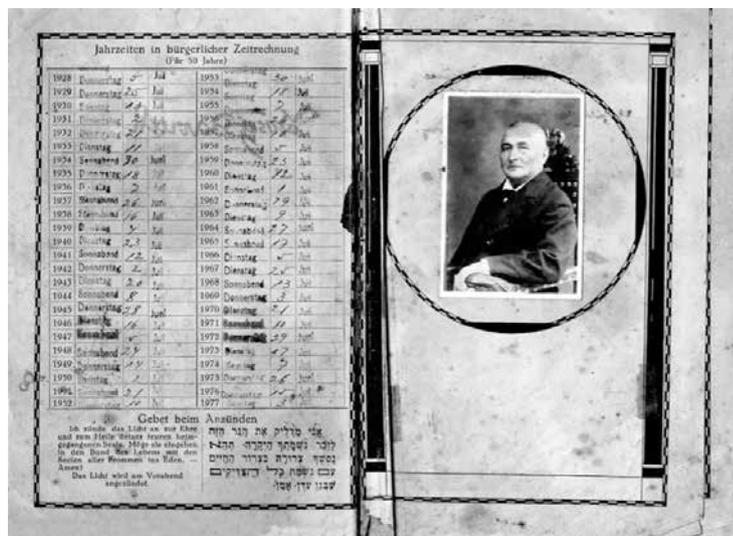


Retrato de Regina Baruch, avó de Hans Bergmann, falecida no Rio de Janeiro em 17 de dezembro de 1940 e enterrada no Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro. Fotografia não identificado. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Meus avós maternos eram Regina Baruch e Joseph Baruch, ele enterrado neste mesmo cemitério em Berlim. Eu não cheguei a conhecer meu avô, mas sei que ele também era comerciante e esteve no casamento de meus pais, época em que tinha 64 anos. Faleceu em 1927, por aí. Minha avó veio para o Brasil junto com outra filha, a irmã da minha mãe, Catharina “Sara” Siller. Infelizmente ela faleceu depois de um mês e meio por problema intestinais (ela contraiu uma infecção no navio e faleceu pouco depois de chegar ao Rio de Janeiro) e está enterrada no Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro / Sociedade Cemitério Comunal Israelita do Rio de Janeiro onde também está minha mãe.



Meu pai Herbert Bergmann era proprietário de uma confecção de *manteaux* e *tailleurs* em Berlim, especializada em moda feminina. Tinha um sócio, sobre o qual nada sei. Creio que também era judeu, assim como meu pai, mas não sei. Lembro-me vagamente de que o escritório da empresa era grande. Vendia e exportava para os países nórdicos, com quatro representantes no norte da Alemanha, além da Escandinávia, Suécia, Noruega e Dinamarca. Tinha uma boa renda, com ativos e passivos. Não me recordo os nomes dos representantes, mas sei que a empresa tinha vários funcionários, entre eles: meus pais – minha mãe também estava envolvida –, o gerente H. Schleuderer, uma secretária e mais dois outros.



Capa e páginas do livro de rezas in memoriam a Hubert Bergmann, pai de Hans, 1927. Acervo Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Trabalhando fora da empresa havia cerca de dez pessoas que costuravam os *manteaux* e os *tailleurs*.^A

Estávamos muito bem economicamente; passávamos as férias de verão na praia e o inverno nas montanhas. Morávamos bem, nos arredores de Berlim, num apartamento muito bonito que ficava em cima da loja.

A- Conforme o que consta na carta de Hans Sigismund Bergmann a Herta Berger, residente no Rio de Janeiro. S. Paulo, 31 de março de 1982. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Tempos de mudanças

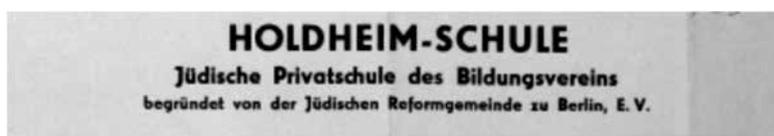
Em uma certa hora, meu pai e o sócio desfizeram a sociedade, por motivos que desconheço. Foi quando meu pai resolveu mudar de endereço, talvez devido às restrições impostas pelos nazistas. Fomos para um conjugado localizado no centro de Berlim, onde a empresa ocupava duas salas para exposição na frente e o escritório do meu pai ficava nos fundos, onde também haviam três quartos, banheiro e cozinha. Então mudamos para lá em 1936, quando já havia a perseguição aos judeus, as Leis de Nuremberg etc.

Eu tenho a minha sequência dos fatos: nós morávamos antes em um apartamento que ficava em um bairro, mais ou menos como a Vila Mariana e o bairro da Bela Vista aqui em S. Paulo. Lembro-me vagamente que era um apartamento pequeno. Nessa época eu entrei para a escola pública onde fiquei uns quatro anos. Ali nós tínhamos, como se diz, uma *morá* (professora), que dava aula de religião judaica. Veja, na Alemanha, tínhamos algumas coisas interessantes. As entidades religiosas recebiam do governo um subsídio, quantidade fundamental conforme o número de associados porque na Alemanha havia um imposto de religiões, é isso. Então, o governo repassava certo valor às diversas religiões conforme o tamanho de cada comunidade. Elas recebiam essa ajuda, que era quase um sustento. Saindo do primário, eu sabia ler hebraico razoavelmente e... bom, isso talvez seja só um detalhe, mas considero importante. Eu sabia ler hebraico e íamos começar a ler a Bíblia quando tudo mudou.

Um dia, fui falar com meu pai. Até então eu nunca havia sido perseguido na escola, no ginásio. Nunca senti o antissemitismo, não, isso não. Talvez porque, com os nazistas no poder era feita uma lavagem cerebral nos jovens, por múltiplas razões. Embora com pouca idade, percebi que colegas meus, que eu conhecia desde o primário, começaram a sair da escola. Aí pedi para o meu pai me tirar do ginásio público e ir para uma escola judaica. Me dava conta, claro, – não como se diz hoje, “bullying” –, mas o ar que se respirava era estranho. Não havia sensatez... Não havia, liberdade de expressão. Os jornais estrangeiros só podiam ser distribuídos após censura prévia, e foram poucos os exemplares que sobreviveram, jornais suíços, talvez.^A

A- Propaganda e censura coexistiram na Alemanha nazista entre 1933-1945 como um dos atos de “purificação do espírito alemão”. Joseph Goebbels, nomeado ministro do *Reich* para Esclarecimento Popular e Propaganda, idealizou o controle de todos os meios de comunicação alemães: jornais, revistas, livros, exposições artísticas, música, rádio, reuniões públicas e comícios. Livros foram queimados, jornais censurados, escritores perseguidos, presos e mortos em campos de concentração. Ideias que ameaçassem o regime ou as convicções nazistas eram censuradas ou excluídas das mídias e dos livros didáticos. Obras escritas por autores judeus, liberais, comunistas, estrangeiros, pacifistas e demais não nazistas, foram retiradas das bibliotecas e cerca de 25 mil livros queimados na noite de 10 de maio de 1933. Saiba mais em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda-and-censorship>>.

Essa censura era para todos, não só para judeus: era proibido ouvir rádios estrangeiras, com penas graves. Entre parênteses, mais para elucidar: em Berlim, por exemplo, circulavam pequenos caminhões ou carros equipados com sistema que poderia detectar se alguém estava ouvindo transmissões estrangeiras. A técnica era essa: eles conseguiam saber se alguém estava ouvindo um aparelho de rádio, se estava recebendo ondas de transmissão proibidas. Então, havia uma verificação acurada pelo governo.



Eu fui estudar na Holdheim-Schule, uma escola judaica privada dirigida por reformistas, mas nem tanto; somente o diretor-reitor é que pertencia à comunidade reformista. Eu não sabia nada a respeito de ortodoxos, reformistas etc. Ali eu estudei quatro anos do ginásio e os três anos do colegial até sair da Alemanha.

Em setembro de 1938, eu havia completado 13 anos quando, dois meses depois, aconteceu a Noite dos Cristais,^A em 9-10 de novembro. Nessa época, eu estava estudando para o meu *Bar Mitzvá**. Detalhe importante: de manhã, bem cedo, fui para a escola. No meio do caminho encontrei um colega que me alertou de que havia algo muito anormal, vamos chamar assim. Alertou-me para voltar para casa e aguardar. Assim eu fiz. Soube que os nazistas incendiaram as sinagogas, quebraram vitrines.

Morávamos em um bairro quase todo habitado por judeus poloneses que tinham permanência na Alemanha, onde já

^A- Noite dos Cristais (*Kristallnacht* em alemão) deve ser considerada uma expressão da política racial da Alemanha nazista e o início da Solução Final para a Questão Judaica. O assassinato do diplomata alemão Ernst vom Rath por Herschel Grynszpan, um judeu polonês, nascido na Alemanha e que vivia em Paris, serviu de pretexto para esse *pogrom* contra os judeus na Alemanha nazista. Ocorreu na noite de 9-10 de novembro de 1938, sendo levado a cabo pelas forças paramilitares das SA e por civis alemães, sem qualquer intervenção das autoridades alemãs. As casas dos cidadãos judeus, hospitais e escolas, foram pilhados e quebrados pelos atacantes com o uso de marretas. Mais de mil sinagogas foram incendiadas (95 só em Viena) e mais de sete mil negócios foram destruídos ou danificados. O nome *Kristallnacht* deve-se aos milhões de vidros quebrados que, expostos pelas ruas e calçadas, simbolizavam a violência contra os judeus. Cerca de 30 mil judeus foram detidos e enviados para os campos de concentração.



Vitrines de uma loja de proprietários judeus destruída durante a *Kristallnacht*. Berlim, 9-10 de novembro de 1938. United States Holocaust Memorial Museum.

Disponível em: <<https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa16792>>. Acesso em: 20 set. 2019.

estavam há 20 ou 30 anos. Ouvimos um quebra-quebra de vidros e, depois, olhando através dos vidros da nossa sala, vimos que os vidros das janelas dos prédios em frente estavam sendo quebrados, de fora para dentro. Meu pai desceu para a rua e – vejam aqui uma parte importante – falou com o gerente do banco, cuja filial ficava no andar térreo, e ele explicou que a turba entrou nos prédios encabeçada por gente do partido nazista, da SA, da SS, vestidos como civis, pois ele conhecia o pessoal. Atrás deles veio a turba. Nós ficamos sabendo, meu pai e eu, que não era o povo que estava se revoltando, mas sim, gente do partido, que estava liderando esse grupo.

Nós saímos e fomos para a casa da irmã de minha mãe, minha tia Catherine que estava morando em Spandau,^A cidadela onde depois houve uma importante conferência sobre os nazistas. Eu fiquei lá dois ou três dias e o meu pai

A- Spandau é um distrito municipal localizado na parte ocidental de Berlim, na confluência dos rios Havel e Spree. Após a Segunda Guerra Mundial fazia parte da zona de ocupação britânica em Berlim Oeste, e ali foi construída uma prisão para acolher os prisioneiros de guerra nazistas que haviam sido condenados nos Julgamentos de Nuremberg. Após a morte de Rudolf Heß, o último prisioneiro dessa prisão, ela foi completamente demolida pelos aliados em 1987.

foi embora; não sei onde ele conseguiu pernoitar, mas dois dias depois ele voltou para nosso apartamento, onde estava também o escritório da empresa. Conseguiu abrir a porta que havia sido lacrada com um trinco.

Neste momento, toda firma judia tinha que ter uma placa do lado de fora com o nome “Israel”, mas aparentemente, como nós havíamos mudado recentemente, ainda não estávamos na lista deles [dos nazistas]. Quando eles passaram por lá, viram que não havia nenhuma placa e que não estávamos na lista. Então bateram na porta, ficaram batendo até que o trinco voou para o outro lado. Isso pode acontecer ao sair da inércia, voa, com pancadas! Isso apenas para elucidar. Como os nazistas tinham as listas, sabiam onde procurar os judeus.

Uma observação: em Berlim, todas as pessoas, não só os judeus, que mudassem de residência tinham que avisar o distrito policial mais perto para anotarem o novo endereço. Isso valia para todos. Quer dizer, a polícia sabia onde todos moravam. Nós logo voltamos para o nosso apartamento. Quando estava indo para escola, eu vi fumaça, mas não sabia que era da sinagoga; vi também o corpo de bombeiros passar, mas não relatei com a sinagoga. Eu não sei porque o fogo começou cedo e foi até a noite, pois fiquei na casa de minha tia. Do jeito como a gente pensava, o mundo era muito diferente de hoje.

Nós não éramos judeus religiosos, não. Minha avó sim, era a única que eu vi “sentar *shivá*” na sinagoga Johanesburg. Durante as festas, as rezas eram com canto e muito bonitas, ao meio dia. Nessa época eu tinha 13 anos, um ano realmente repleto, que parou... Essa escola fechou e eu passei para a Joseph Lehman Schuler, onde havia muitos amigos e parentes que se davam muito bem. Aos poucos, um após o outro, foram saindo da Alemanha. Com tudo isso acontecendo, meu curso de *Bar Mitzvá** foi interrompido... Em janeiro, meu pai teve que fechar a firma e vender os móveis... através de um corretor nazista, obrigatoriamente, que decidia a correção. Mudamos para um quarto mobiliado, fora do centro de Berlim. O vovô e a vovó moravam em outro lugar.

Bem, após a Noite dos Cristais, minha família perdeu muitos bens de valor, todo o ouro e a prata, que foram embalados em caixas de papelão e entregues aos nazistas. Perdemos também a firma e tudo o mais. Anos depois, já no Brasil, minha mãe reclamou e conseguiu uma indenização no valor de uns 40 mil dólares. Não sei. Só sei que com isso ela conseguiu comprar um pequeno apartamento. Ajudou, mas correspondia apenas a 5% do valor de nossos

Hans Sigismund Bergmann

bens. Conseguiu também uma pensão da Alemanha que depois foi reforçada permitindo que ela vivesse tranquilamente, ainda que em as condições mínimas, sem grandes problemas. Embora ela continuasse como modista, com muito jeito para confeccionar roupas.

Meu pai tinha algum dinheiro para sobreviver, assim como outros judeus que estavam

HANS SIGISMUND BERGMANN
Alameda dos Araçuanas, 1149
04524 SÃO PAULO - S.P.
Brasilien

São Paulo, den 31sten März 1982

Frau
Herta Berger
Rua 5 de Julho, 108/501
22021 - RIO DE JANEIRO

Sehr geehrte Frau Berger,
In Beantwortung Ihres werten Schreibens betreffend Laisten-
ausgleichs kann ich Ihnen leider nur mit wenigen Angaben
Antwort geben und zwar wie folgt:
Geschäft meines Vaters: Beschäftigte:
Inhaber Herbert Bergmann, mein Vater
Dorothea Bergmann, meine Mutter hat mitgearbeitet
Gerente, H.Schleuderer
Sekretärin, Frä. Ulla
Schreibkraft, 1 Dame
Weitere Angestellte, 2 Personen
Ausser Haus arbeitende Leute: ungefähr zehn Leute welche fuer
die Firma meines Vaters die Maentel und Kostueme, nach Angaben
meines Vaters maekten.
Vertreter: in Deutschland hatte mein Vater verschiedne Vertreter,
erinnern kann ich mich nur an vier Vertreter aus Sueddeutschland,
obwohl mein Vater auch Vertreter in Norddeutschland hatte.
Auf die Namen kann ich mich nicht mehr erinnern. Soweit mir
bekannt hatte mein Vater frueher auch Vertreter in Skandinavien -
Schweden, Norwegen und Dänemark.
Ueber Umsatz, Einkuenfte, Umlaufvermoegen, Anlagevermoegen,
Verbindlichkeiten, u.s.w. kann ich Ihnen leider keine Auskunft
geben da mir diese Daten unbekannt waren. Ich kann mich nur
erinnern dass wir frueher relativ gut gelebt haben, z.B. in
den Ferien und an Feiertagen verreisten wir immer.
Ich hoffe dass obige Angaben Ihnen weiter helfen und verbleibe
Mit freundlichen Gruesen

na mesma situação. Quem tinha algum parente ou dinheiro no exterior – lembrando que era proibido aos judeus ter dinheiro em qualquer banco na Alemanha – aproveitou para emigrar. Acabando o dinheiro, o governo do país de destino dava trabalho, mas para os judeus o trabalho era mais ou menos pesado.

No meio dessas mudanças, surgiu a ideia de deixar a Alemanha. Foi quando minha mãe soube que o governo brasileiro dava visto turístico para judeus, mas apenas para quem já tinha a passagem de navio, ida e volta. Uma espécie de “visto turístico”, sem direito a permanência, apenas para passeio, vamos assim dizer.

Carta de Hans Sigismund Bergmann a Herta Berger informando sobre os funcionários que trabalhavam na empresa de seu pai, Herbert, assim como os representantes no exterior. S. Paulo, 31 de março de 1982. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.

N.º COPIA SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: DOROTHEA BERGMANN
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
Nacionalidade: ALEMA
Data de nascimento: Estado civil: CASADA
Pai: JOSEPH BARUCH Mãe: REGINA BARUCH
Profissão: DOMESTICA
Registro Geral N.º Carteira N.º 73.422.RIO JANETRO
Residência: RUA DR.MELLO ALVES N.º 585.
Emprêgo:
Local: 21.10.46.
T. D. I. - Mod. 162 DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

Registro de estrangeiros de Dorothea Bergmann, mãe de Hans Bergmann. S. Paulo, novembro de 1948. Acervo: APESP/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Vozes do Holocausto

87

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso.....Catharina Sara Siller
Admitido em território nacional em caráter.....permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 2.º do dec. n.º 3.010, de 1938
Lugar e data de nascimento.....Krotoschin, 20/5/1895
Nacionalidade.....alemã.....Estado civil.....viúva
Filiação (nome do Pai e da Mãe).....Josef Baruch e Regina Baruch
Profissão.....Prendas domesticas
Residência no país de origem.....Berlim

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 1127/39/4 expedido pelas autoridades de Berlim visado sob n.º 444 na data de 6 de Maio de 1939

Assinatura do portador:
Catharina Sara Siller

Consulado.....do Brasil em Berlim, em 19 de Setembro de 1940. O CONSUL
J. Navarro da Costa
J. Navarro da Costa

NOTA: Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Ficha consular de qualificação de Catharina “Sara” Siller, irmã de Dorothea Bergmann, mãe de Hans Bergmann, emitida por J. Navarro da Costa, cônsul-geral do Brasil. Berlim, 19 de setembro de 1940. Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

Minha família fez várias reuniões para ouvir a opinião de todos. Minha mãe pressionou após saber que o consulado brasileiro em Berlim avisou que isso não seria possível por muito tempo, por uma semana somente. A primeira decisão foi a de que minha mãe iria para o Brasil junto comigo. Porém, mudaram de ideia, porque eu era muito pequeno, tinha apenas 11 anos. Então, foi decidido que minha mãe iria sozinha, mas ela não conhecia ninguém lá. Eu fui depois.

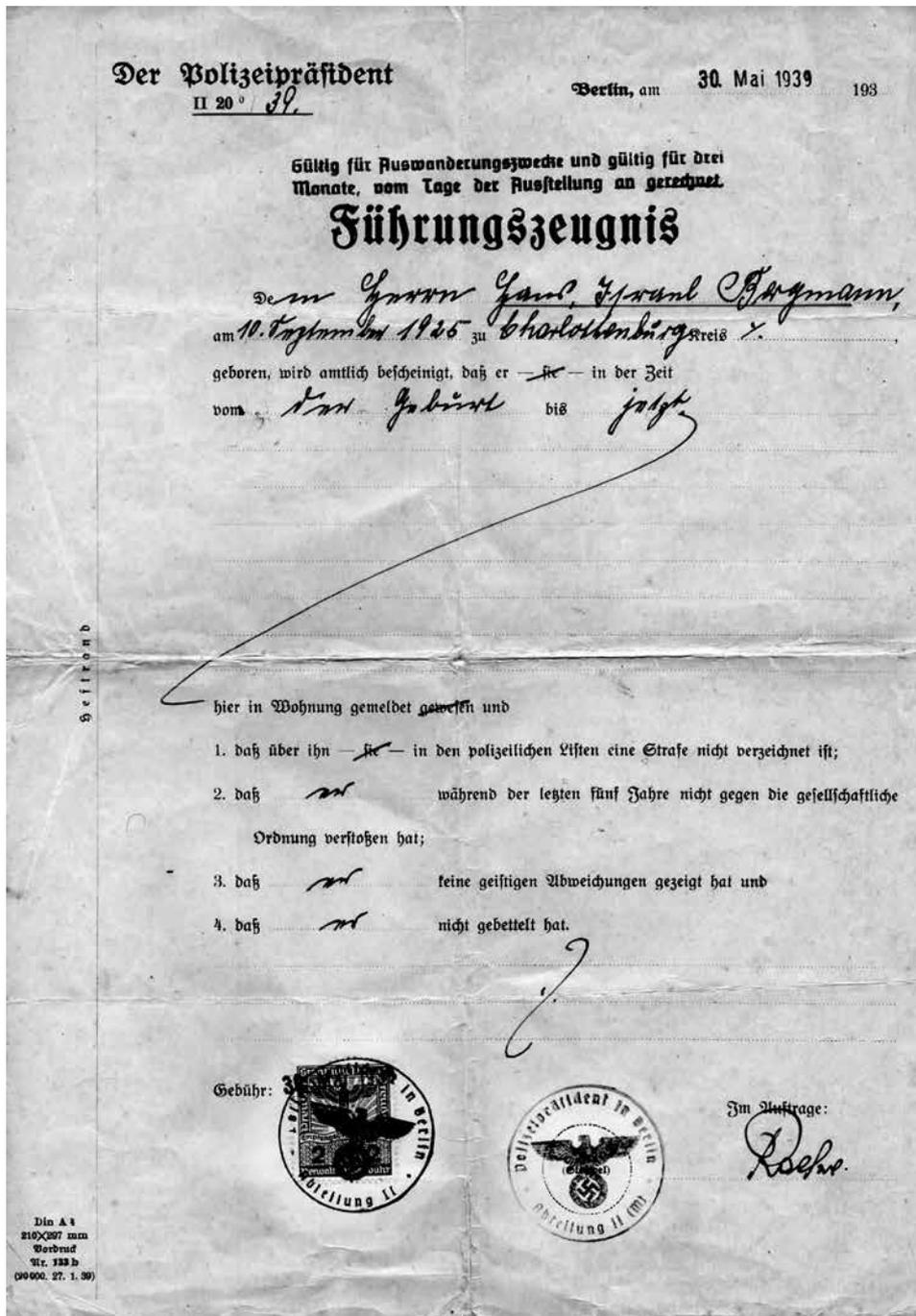
Meu pai me levou para Bremen, e lá eu embarquei no navio com uma autorização, ou seja, um documento de criança, para menores, na qual o cônsul brasileiro anexou um papel onde constava o visto emitido pelo consulado brasileiro. Isso foi um milagre, porque muitos deles se recusavam a fazer isso. Tenho ainda os meus documentos emitidos na Alemanha, pois toda criança tinha que ter uma carteira de identidade ou carta de identificação. Aqui está a minha com um “J”, de “Jude”: Hans “Israel” Bergmann.^A

A- A inclusão de um “J” vermelho, assim como os nomes “Sara” e “Israel” nos documentos de identificação dos judeus alemães, servia como um sinal infamante preparando psicologicamente e de maneira radical a sua exclusão da sociedade alemã. A partir de 1933 uma série de ações, ainda isoladas, marcaram o início de um aperfeiçoado regime de terror apoiado na infâmia e na discriminação dos israelitas. Dentre as marcas pejorativas recuperadas dos tempos inquisitoriais temos: o “J” vermelho, o uso da estrela amarela fixada à roupa, um número tatuado no braço e até mesmo uma anotação de que a pessoa havia sido prisioneira de um campo de concentração. Para a polícia de controle dos portos estes “sinais” alertavam para identidade do passageiro que, muitas vezes, tentava entrar como católico. Sobre esta temática ver: PELASSY, 1983; GARTEMBERG, 1976; CARNEIRO, M. L. T. *O anti-semitismo na Era Vargas*, p. 148-149.

Hans Sigismund Bergmann



Carteira de identidade de Hans Sigismund "Israel" Bergmann, marcada com o "J" vermelho de "Jude" pela Der Polizeipräsident in Berlin, 28 jul. 1939, com carimbo do visto autorizado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 24 de abril de 1939. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Lee-USP.



Certificado de conduta [Atestado de antecedentes] onde o chefe da Polícia de Berlim informa sobre o menor Hans "Israel" Bergmann, nascido em 10 de setembro de 1925 na localidade de Charlottenburg, onde teve residência, que: 1. sobre ele nas listas policiais não consta nenhuma pena; 2. durante os últimos cinco anos ele não teve nenhuma conduta contra a Ordem Social; 3. ele não apresentou desvios mentais; 4. Nunca pediu esmolas. Berlim, 30 de maio de 1939. Consta ainda o pagamento de emolumentos de emissão, a assinatura do responsável comissionado e o carimbo da Chefia de Polícia de Berlim. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Meu pai não conseguiu vir junto porque não tinha autorização do governo brasileiro, que deu o visto apenas para mim, como menor. Naquela época, a mãe podia chamar o filho, mas a mulher não podia chamar o marido. O marido poderia chamar a esposa, mas não vice-versa. Mas ele não veio também por uma questão de dinheiro, pois alguns compravam os vistos. Soube através de um representante comercial da empresa de meu pai que para ele conseguir ir para os Estados Unidos teve que depositar 25 mil dólares no banco. A mesma coisa acontecia no Brasil, onde havia o visto capitalista que custava... não sei quantos mil réis ou contos de réis... O visto valia ouro, ou seja, quem tinha dinheiro conseguia “pagar” e vir.^A

Ninguém queria receber os judeus sob a alegação de que não sabem de nada, que não conhecem a língua, que não tem uma profissão que interessa. Tenho alguns conhecidos que vieram como agricultores, sendo que um deles era realmente um contador. Ele assumiu a função de contador em uma fazenda no interior de S. Paulo e veio com a família. Creio que também a Liliana Rosenthal, irmã muito mais nova de Nora Morpurgo Levi, que era cunhada de minha sogra. O pai delas era maestro e conseguiu emprego no Brasil, inclusive na Congregação Israelita Paulista (CIP). Conheço a Liliana desde que me casei com Edda Mayer Bergmann em 1948. Ela [Liliana] casou-se com Hans Rosenthal, filho do Sr. Eurico, dos calçados, ambos já falecidos.

Bem, com o visto eu consegui viajar para o Brasil, sozinho, em caráter permanente, conforme decreto-lei e com a documentação apresentada. Saí de Hamburgo em 28 de julho de 1939 a bordo do General Artigas, um navio

A- Política antisemita do governo Vargas: É notório que após a Noite dos Cristais em 9-10 de novembro de 1938, Argentina, Brasil, Uruguai e Chile fecharam suas portas aos judeus que fugiam das perseguições nazistas. Neste momento ocorreu uma intensificação da mobilidade de judeus provenientes de vários lugares da Europa, principalmente da Alemanha. Para evitar a entrada no Brasil dos judeus “nocivos” à população brasileira, o Ministério das Relações Exteriores emitiu diversas Circulares Secretas orientando as missões diplomáticas sediadas no exterior, dentre elas as de número 1.127, 1.249, 1.323, 1.328 e 1.498.

alemão que fazia a linha América do Sul. Desembarquei no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1939.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 19
P 23

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Hans Israel Bergmann
Admitido em território nacional em caráter permanente (temporário ou permanente)
Nos termos do art. 24 letra 2 do dec. n. 3010 de 1938
Lugar e data de nascimento Berlim, 10.9.1925
Nacionalidade alemã Estado civil solt.
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Herbert e Dorothea Bergmann
Profissão escolar
Residência no país de origem Berlim

FILHOS MENORES DE 18 ANOS:

Passaporte n. II/ 2292/39 expedido pelas autoridades de Berlim
visado sob n. 1026 na data 30.5.39

ASSINATURA DO PORTADOR: Hans Sigmund Israel Bergmann

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

FOTOGRAFIA (busto) 7 x 5 fundo branco
O retrato deverá ser COLADO, evitando-se o uso dos grampos

SÉLO SECO CONSULAR

Consulado Berlim do Brasil
em Berlim
22 de 7 de 1939
O CONSUL: carney

Ficha consular de qualificação de Hans “Israel” Bergmann, emitida por [assinatura ilegível], cônsul-geral do Brasil. Berlim, 22 de julho de 1939.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ.

Brasil como destino

Eu vim para o Brasil em 1939, sozinho. Depois eu explico como. Cheguei aqui no dia 17 de agosto de 1939, um pouco antes de Hitler começar a guerra. Por que o Brasil? Porque aqui minha mãe já estava desde 1937, como eu já expliquei. Como ela havia estudado alemão, arte, costura, foi para o Rio de Janeiro, onde se empregou como costureira, obviamente como clandestina mesmo, porque ela tinha apenas o visto de turista, não podia trabalhar. Mais tarde, com a ajuda do JOINT,^A que lhe comprou uma máquina de costura, ela começou por conta própria. Depois, ela conseguiu emprego numa empresa, que permitiu se sustentar e trazer seu filho menor (neste caso, eu) para o Brasil. Mas, para isso ela necessitava antes de ter a permanência, ou seja, uma posição legal, que ela conseguiu através de uma “carta de chamada”.

A- Dentre as associações que se destacaram no auxílio aos judeus refugiados temos: American Joint Jewish Distribution Committee (JOINT), organizada em 1914; Jewish Colonization Association (ICA), com sede principal em Paris; HIAS, sediada em Nova York; e EMIGDIRECT ou Association for Emigrant, com sede em Berlim. Os arquivos americanos guardam uma farta documentação dessas associações, principalmente no que diz respeito à correspondência com o governo brasileiro. Entre esses arquivos temos: Yiddish Scientific Institute-YIVO (Nova York), American Jewish Archive (Cincinnati-Ohio), Leo Baeck Institute (Nova York) e o Arquivo Judaico / Museu Judaico de S. Paulo.

Sobre minha viagem de navio, na realidade, não me lembro de muita coisa, nem do que comi. Eu estava sozinho, nem faço ideia se estava triste, pois não sabia o que ver. Eu era uma criança e como meu pai ficou lá, claro que eu estava triste, mas continuei vivendo. Me recordo de um detalhe: eu dividia a cabine com um senhor, judeu ortodoxo, não me lembro o nome dele, mas tem certas coisas que a gente não esquece! Só sei que na sexta-feira à noite, ele me encontrou e perguntou:

– Você apagou a luz na cabina?

– Sim. Qual é o problema? Eu posso ir lá e acender novamente – falei para ele.

A única coisa que falamos é que eu iria acender de novo, foi automático, pois sei que os ortodoxos não podem apagar e nem acender a luz e o fogo no *shabat**.

Lembro-me de que quando desembarquei no porto do Rio de Janeiro fazia muito calor e o clima impacta qualquer criança, não é mesmo? Foi então que vi algumas pessoas lá embaixo, dentre as quais estava minha mãe me esperando com dois casais de amigos. Um deles me deu as primeiras instruções: primeiro, quando se passa no meio de duas pessoas, pede-se “com licença”. Assim, aprendi a falar “com licença”, duas palavrinhas. Outra coisa: se você ver uma turma de motociclistas usando boina vermelha, sai da rua e enfia-se em qualquer beco: é a polícia do Getúlio Vargas que primeiro bate e pergunta depois. Dessas duas coisas eu me recordo.

Mas acho que a parte mais importante da história é a que aconteceu após o fim da guerra. Foi quando minha mãe colocou um anúncio (em alemão) em um jornal chamado *AusPaul*, creio que editado na Suíça. Era um jornal muito conhecido pela comunidade (judaica) alemã radicada no Brasil. Enfim, ela fez um anúncio perguntando se alguém tinha notícia de meu pai Herbert Bergmann. Recebemos uma resposta por carta da Suíça através de uma senhora que era a proprietária do quarto que havia sido sublocado para meu pai. A irmã dela estava casada com um judeu. Assim, ficamos sabendo que quando foi enviada para Theresienstadt^A – que não era um campo de concentração e sim de confinamento – ela pediu para meu pai cuidar do apartamento. Depois, meu pai a reencontrou em Theresienstadt onde, junto com outras pessoas, trataram de sobreviver nesse lugar.

Em 15 de outubro de 1944, meu pai completou 60 anos. Em 30 de outubro, assim escreveu essa senhora, ele foi enviado em transporte de grupo (*gruppentransporten* em alemão) para o então desconhecido... Eram os campos de extermínio, mas isso eu não sabia. Meu pai, que era tranquilo, disse para essa senhora: “Não, a gente vai se ver!” Essa senhora teve a sorte de ser trocada junto com outras mulheres por um nazista alemão do alto escalão que estava na Suíça. Então, ela foi para a Suíça e assim sobreviveu. Devo ter a tradução dessa carta, cujo original não sei onde está. Mas, por coincidência, minha prima Anne Lise, filha de uma prima de sua mãe Dorothea Bergmann, chamada Dorothea Kalmann (?), que tem parentes em Londres para onde foram muitos sobreviventes de Auschwitz após a guerra,

A- Theresienstadt refere-se ao gueto e ao campo de concentração estabelecido pelos nazistas na antiga fortaleza e guarnição da cidade de Terezin, erguida em 1780-1790 (hoje, parte da República Tcheca). No século XIX o forte foi usado como prisão para manter prisioneiros militares e políticos. Em 16 de outubro de 1940 a *Gestapo* assumiu o controle de Theresienstadt e o transformou em prisão. Em 24 de novembro de 1941, a cidade de Terezin foi transformada num gueto murado, que servia de disfarce para um campo de concentração. O local foi apresentado para a Cruz Vermelha como “cidade-modelo” ou como “a cidade que Hitler construiu para os judeus”, habitado por cerca de 50 mil judeus, servindo de contrapropaganda para desfazer os rumores de campos de extermínio. Ali viviam em condições diferenciadas artistas, escritores, cientistas, músicos e juristas, sendo a maioria posteriormente assassinada. Com essa superpopulação a comida era escassa e neste mesmo ano quase 16 mil pessoas morreram, incluindo, em setembro, Esther Adolphine (irmã de Sigmund Freud). Muitos dos 80 mil judeus tchecos que morreram no Holocausto foram mortos em Theresienstadt, onde as condições eram extremamente difíceis. Em 1º de maio de 1945 o controle do campo foi transferido dos alemães para a Cruz Vermelha. Uma semana depois, Theresienstadt foi libertada por tropas soviéticas.

Hans Sigismund Bergmann

disse que o nome de meu pai estava em um desses livros de controle, e ali constava que ele morreu em Auschwitz.²

Alphabetisches Verzeichnis zum Transport I/96,
eingelangt am 17. 6. 1943.

13428	Adler	Alice S.	13276	Brettler	Käthe S.
13138	Adler	Hildegard S.	13079	Brub	Auguste S.
13427	Adler	Walter I.	13088	Budzislawski	Sila S.
13137	Aksel	Bohlem I.	13077	Bitov	Doria S.
13103	Alexander	Delta S.	13282	Burgheim	Gertrud S.
13086	Alexandrowitch	Bertha S.	13153	Byk	Therese S.
13132	Amsterdamer	Manfred I.			
13106	Anders	Margarete S.	13460	Carsten	Albert I.
13385	Arnade	Herbert I.	13403	Cohn	Adolf I.
13386	Arnade	Katja S.	13057	Cohn	Betty S.
13387	Arnade	Uriel I.	13404	Cohn	Erna
13209	Asch	Clara S.	13045	Cohn	Fritz I.
13462	Asch	Millie S.	13090	Cohn	Georg I.
13175	Augenreich	Dan	13152	Cohn	Berhard I.
			13353	Cohn	Henriette S.
13313	Badrian	Jenny S.	13072	Cohn	Ilse S.
13139	Baecker	Elfriede S.	13136	Cohn	Margot S.
13140	Baecker Dr.	Max I.	13355	Cohn	Ruth S.
13357	Bannas	Irma S.	13179	Cohnheim	Awider <i>Awider</i>
13359	Basch	Ilse S.	13302	Goper	Emil I.
13358	Basch	Werner I.	13360	Caro	Uccille S.
13323	Bauchwitz	Julius I.	13070	Cronheim	Ella S.
13208	Becher	Arnhold I.			
13459	Benedik	Frieda S.	13102	Daniel	Bertha S.
13438	Bennig <i>Bennig</i>	Anneliese S.	13108	Danziger	Frieda S.
13439	Bennig <i>Bennig</i>	Dawaara	13248	Davidsohn	Berl I.
13440	Bennig <i>Bennig</i>	Joachim Mikl. I.	13247	Davidsohn	Hildegard S.
13441	Bennig	Tana	13249	Davidsohn	Uvi I.
13159	Berghausen	Simon I.	13383	Dehnicke	Mary S.
13348	Bergmann	Herbert	13094	Deicke	Käthe S.
13182	Bernhard	Helene S.	13091	Dietrich	Kurt I.
13347	Bernstein	Eurt I.	13259	Dörner	Helene S.
13238	Bernstein	Linna S.	13362	Dolley	Elisbeth S.
13136	Bickharz	Nathan I.	13457	Drucker	Emilie S.
13100	Bieberstein	Johanna S.	13304	Drucker	Tda S.
13187	Bitran	Aren I.	13203	Drucker	Max I.
13087	Blau	Susi S.			
13364	Bloek	Emmi S.			
13307	Blumenthal	Bianca S.	13384	Ehrlich	Deborah S.
13306	Blumenthal	Ilse S.	13104	Ehrlich	Dorothea S.
13228	Blumenthal	Johanna S.	13111	Eichtersholmer	Fanny S.
13223	Bluth	Emma S.	13413	Elkeles	Elfriede S.
13051	Boss	Jette S.	13412	Elkeles	Eva S.
13342	Böhme	Alfred	13410	Elkeles	Heinrich I.
13093	Boley	Sunny S.	13411	Elkeles	Bermann I.
13234	Bormann	Edith S.	13414	Elkeles	Lotte S.
13236	Bormann	Horst I.	13239	Epstein	Hedwig S.
13237	Bormann	Rita S.	13266	Ernst	Lucie S.
13235	Bormann	Wolfgang I.			
13277	Brettler	Gittel	13252	Fahrenholz	Rosalie S.
13124	Baronowitz	Tana	13119	Amordy	Maria

Registro alfabético³ para o Transporte I/96 de 17.6.1943, indo de Berlim para Theresienstadt, onde aparece o nome de Herbert Bergmann com o número de deportação 13348. Posteriormente, em 23.10.1944, foi deportado para Auschwitz, onde foi morto.

² Carteira de identidade disponível em: <<http://www.arqshoah.com/index.php/iconografia/2353-ico-691-hans-sigismund-israel-bergmann>>; e <<https://www.arqshoah.com/index.php/iconografia/2355-ico-693-hans-sigismund-israel-bergmann>>.

³ Fonte: *Lists of 798 Jews deported from Berlin to the Theresienstadt Ghetto on Transports I/96-I/100, 17/06/1943-04/08/1943. Documentation from the Terezin Memorial Site – PAMATNIK TEREZIN, TEREZIN, CZECH REPUBLIC – Yad Vashem Archive.*

ÚSTŘEDNÍ KARTOTÉKA — TRANSPORTY.
Osoby došlé do Terezína z různých území

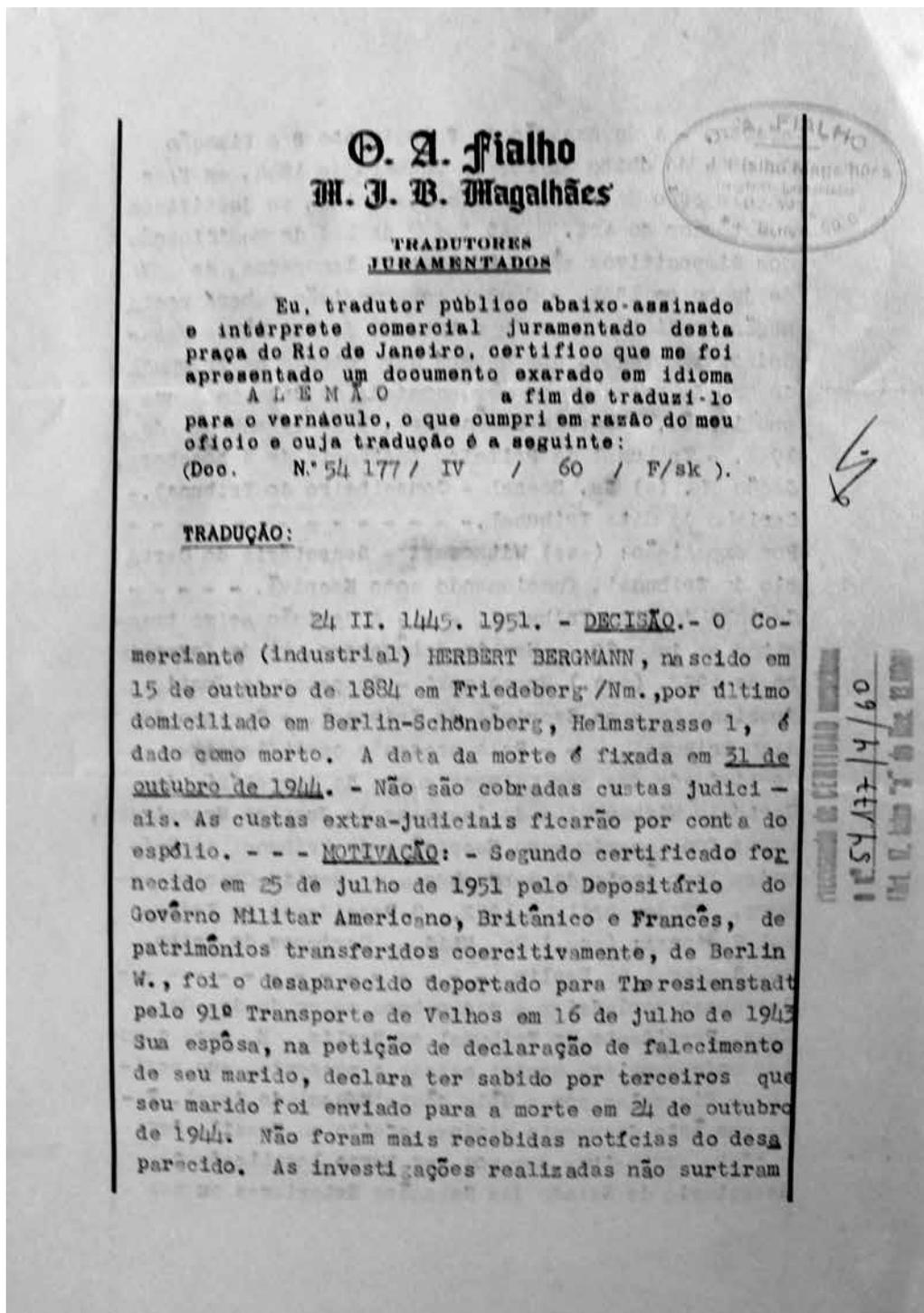
Bergmann Herbert
rodná data *16. 10. 1894*
adresa před deportací
Deportace na východ: Číslo *Et - 712*
dne *23. 11. 1944*
(původní transportní číslo: *13348 - I/96*)
III

Cartão de identidade de Herbert Bergmann no gueto de Terezin, 23 de novembro de 1944. Fonte: Arolsen Archives.

Ao saber desta notícia, minha mãe teve um choque nervoso. Esteve durante anos em tratamento e conseguiu se recuperar apenas relativamente. Essa parte eu nem quero lembrar. Foi terrível para todos. Deixou uma marca. Tenho aqui uma declaração de óbito de meu pai:

Comerciante Herbert Bergman, nascido em outubro em Friedberg, domiciliado em Berlim, é dado como morto. A data morte é fixada em 31 de outubro de 1944. Não são cobrados justas férias. Motivação: certificado fornecido em julho de 1951 pelo depositário do governo militar americano, britânico e francês de patrimônios transferidos coercitivamente de Berlim e foi deportado para Theresienstadt, pelo 1916, pelo transporte de velhos... ele não tinha nem 60 anos... em 23 de julho de 1943. Sua esposa na petição de declaração de falecimento de seu marido declara ter sabido por terceiros que seu marido fora enviado para a morte em 24 de outubro de 1944. Não foram mais recebidas notícias do desaparecido. Investigações realizadas não sentiram efeito. A declaração, fixação da data em face da alegação da esposa do falecido que justifica nos termos... Assinaturas... Assinaturas... quem assinou isso...? Incompreensível.

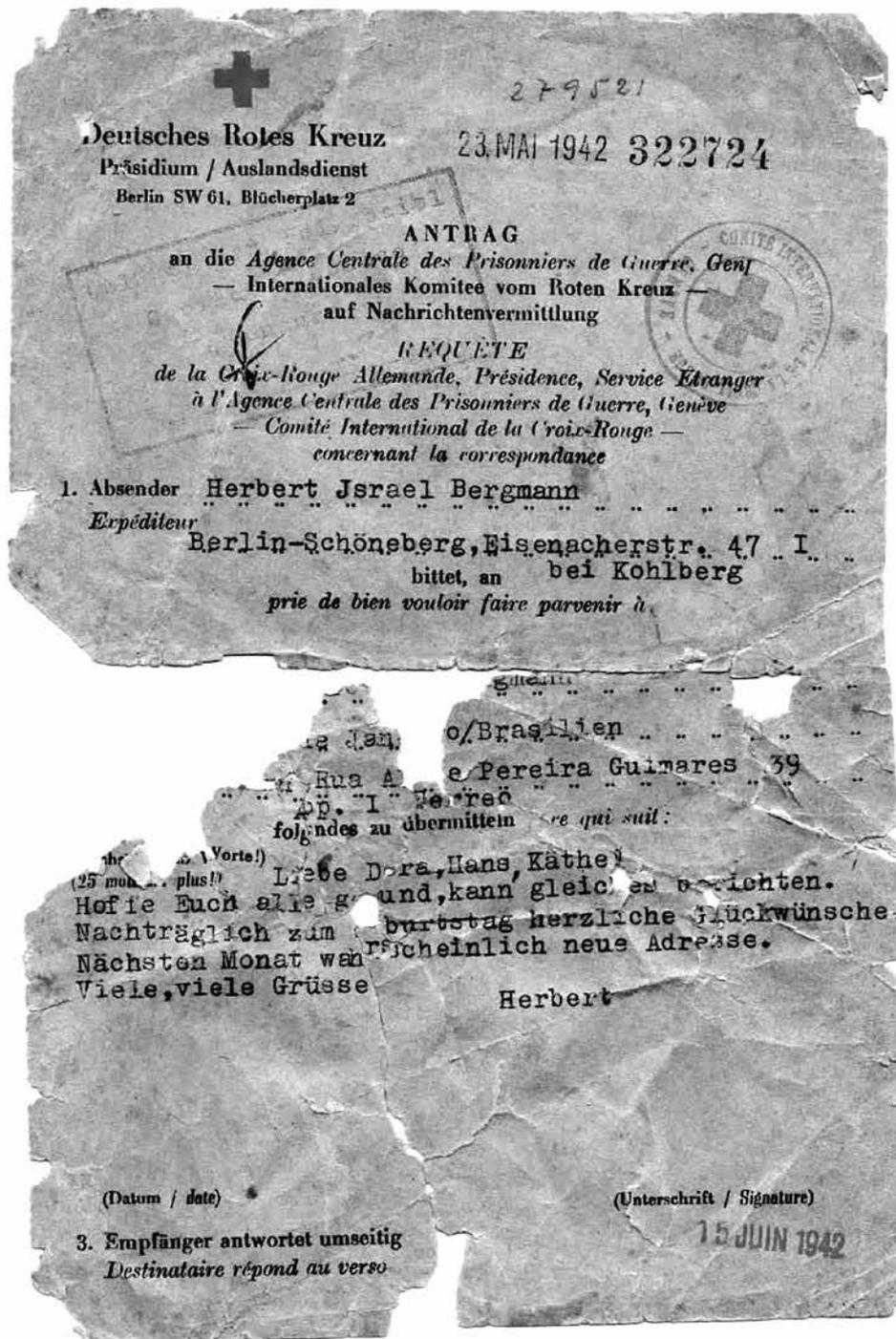
Quando o Brasil entrou na guerra, nós, ao menos no Rio, nos alistamos, vamos dizer; nos colocamos à disposição do governo brasileiro para lutar contra a Alemanha como voluntários, sim. Seiscentos israelitas estiveram presentes. De acordo com a carta circular anexa, foram estabelecidos os termos gerais para apresentação do voluntariado brasileiro e também



Tradução juramentada do certificado confirmando a deportação de Herbert Bergmann (1884-1944), pai de Hans Bergmann, para Theresienstadt pelo 91º Transporte de Velhos em 16 de julho de 1943. Emitido pelo Depositário do Governo Militar Americano, Britânico e Francês em 25 de julho de 1951. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Documento expedido pela Cruz Vermelha Alemã em 15 de junho de 1943, enviado à Cruz Vermelha Brasileira [carimbo] aplicado à Agência Central dos Prisioneiros de Guerra, Genebra – Comitê Internacional da Cruz Vermelha – endereçado à Sra. Edda Bergmann, confirmando que Herbert Israel Bergmann ali esteve preso. Berlim, 15 de junho de 1943. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.



Pedido à Agência dos Prisioneiros de Guerra, Gen. Comitê Internacional da Cruz Vermelha referente à correspondência de Hebert Israel Bergman, expedida em Berlin-Schöneberg, Eisenacherstr., 47 I a ser gentilmente enviada para o Brasil. .Berlim, 15 de junho de 1942. Acervo Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP>



Jornal *Correio da Manhã*
[recorte], 1942.

Acervo: Bergmann/SP;
Arqshoah/Leer-USP.

de outras nacionalidades que desejassem servir ao Brasil. Fomos autorizados a enviar para o ministério a inscrição de todos os nomes de nossos associados que, apresentando essa disposição para servir ao país, julgavam-se aptos e assumiam prova disso. Isso foi em dezembro de 1942.

Lembro-me de que nossa mudança para S. Paulo foi para mim (quase) pior que a mudança da Alemanha para o Brasil. O pessoal do Rio, que era a capital da República, era

patriota. Bastava tocar no rádio o Hino Nacional Brasileiro, todo mundo se levantava. O Rio é uma cidade marítima e lá comecei a estudar eletricidade.

No Rio, minha mãe participava da Associação Religiosa Israelita (ARI),^A que ainda estava no começo, sendo considerada praticamente a “irmã” da Congregação Israelita Paulista (CIP) que, em 1936, havia sido fundada por um grupo de judeus refugiados do nazismo, dentre os quais o rabino Fritz Pinkuss. Lembro-me de cantar as músicas que aprendi na escola da Alemanha, músicas que eu conhecia em três versões. A título de curiosidade, quem trouxe as letras dessas músicas aqui para S. Paulo foi o pai de Liliana Rosenthal, que era regente da orquestra e dava aulas de violino.

A- A Associação Religiosa Israelita (ARI) foi fundada em 1942 como a casa do Judaísmo Progressista no Rio de Janeiro, filiada à World Union for Progressive Judaism (WUPJ). Tinha como proposta promover um judaísmo conectado ao passado e, ao mesmo tempo, integrado aos dias atuais. Este é o objetivo do Judaísmo Progressista, uma das correntes do judaísmo mundial, com mais de um milhão de afiliados.

Depois dessa oficina, eu consegui um emprego como aprendiz de torneiro em uma oficina mecânica e fundição que ficava perto da Praça Mauá. Nessa época eu ainda usava calça curta. Quando minha mãe me comprou meu primeiro par de calça comprida, o dono da fundição me deu os parabéns. Interessante que no Rio, para dizer a verdade, eu nunca passei fome, nunca, nunca, mas a vida era dura para mim. De manhã cedo, eu pegava o primeiro ônibus que vinha do Leblon e que passava pelas praias de Leblon, Ipanema e Botafogo. Isso para mim foi uma beleza... Eu comecei a gostar!

Meus pais gostavam muito, muito do mar, da natureza. Meu pai era pescador amador e, no verão, quando ainda estávamos em Berlim, ele costumava pescar todo fim de semana, principalmente aos sábados (e eu junto), em um lago. Naquela época não tínhamos nem água encanada, mas ele pescava enquanto eu empinava papagaio. No domingo, vinha minha mãe. Eu não tinha irmãos, sou filho único. Isso junta-se à beleza do Rio, das praias, e assim aprendi a gostar da natureza, pois me sentia bem. E essa sensação continua até hoje...! Daí o meu gosto por Campos do Jordão, pois no meio da natureza eu estava em comunhão. Não é paz... Hoje, diria que eram momentos de meditação praticamente. E claro, mais tarde, comecei a me interessar por religião, por judaísmo. Passei por fases não muito fortes, mas comecei a estudar outras religiões, para saber o que mais existia, a base.

Interessante: eu sou judeu, não achei nenhuma religião que desse algo mais que a base judaica. Quem seria eu sem o judaísmo? Assim, fui longe tentando ajudar o outro, inclusive mais tarde, como membro da B'nai B'rith de S. Paulo. Casei-me com Edda Bergmann,^A Mayer de solteira,

A- Edda Mayer Bergmann nasceu em Trieste em 27 março de 1927 e, junto com os pais Emma Levi Mayer e Mario Mayer e a irmã Gina, mudou-se para Milão. Tinha 11 anos em 1938 quando foram proclamadas as leis raciais. O irmão de seu pai, Raphael Mayer, morava em S. Paulo desde 1926, sendo amigo íntimo de Getúlio Vargas e de todos os ministros, incluído Oswaldo Aranha, que os aconselharam a deixar a Itália o mais cedo possível e vir para o Brasil. Receberam os vistos pelo Itamaraty, mas que não foram aceitos pelo cônsul brasileiro em Gênova, que respeitou as normas das Circulares Secretas impostas pelo governo brasileiro. Vistos temporários foram emitidos pelo cônsul de Milão, possibilitando o embarque para o Brasil, no final de 1938, no navio Conte Grande. Ver mais em: *1938. Um raio no céu azul – As leis raciais na Itália*. S. Paulo: B'nai B'rith, 2008; Testemunho Arqshoah disponível em: <<https://www.arqshoah.com/index.php/sobreviventes-testemunhos/5429-st-86-bergmann-edda-mayer>>.

Hans Sigismund Bergmann



Carteirinha de Hans Bergmann como sócio efetivo da Congregação Israelita Paulista (CIP), S. Paulo, 1º de março de 1945; e da Associação da Mocidade, s.d. Acervo: Bergmann/SP; Arqshoah/Leer-USP.

também membro da B'nai B'rith, onde foi presidente de 1999 a 2002. Vamos oferecer para o Arqshoah o livro que narra a história da família de minha esposa, que nasceu e viveu em uma cidade italiana: *1938. Um raio no céu azul – As leis raciais na Itália*, livro editado pela nossa filha Lia no qual reúne as cópias de documento pessoais, jornais daquela época e das leis raciais na Itália. Infelizmente, Edda faleceu em 2007, antes de ver o livro impresso, lançado em março de 2008.

Entendo que ao fazer o bem, por menor que seja, você pode agradar. Essa é a base...! Joseph Campbell menciona que um autor americano disse assim: “Grandes religiões são como um polígono, um poliedro. Quem olha pra fora não vê o outro. Se olhasse para dentro, ia ver que existem outras religiões. Se olhasse do alto, ia ver que é uma coisa só”. Isso diz tudo. Assim, eu gosto desses estudos sobre religião, ciência e natureza. Não entendo que “D’us não existe”, porque a definição de D’us está na Bíblia. Ele fez o Universo e as leis. Tudo isso é tão profundo que devemos rezar para Ele, que não foi aprendiz na ordem. Nós chamamos D’us aquele que fez o Universo, que a gente não sabe como funciona e a cujas leis estamos submetidos, quer a gente queira ou não. Então, converso com Ele.

Nós começamos com um curso entre 1955 e 1960, que acontecia somente mais tarde envolvendo jovens casais. Era uma aula aberta, onde cada um de nós apresentava a resenha de um livro ou algo mais livre. Éramos 80 pessoas no primeiro ano, e foi o rabino Menahem Diesendruck quem primeiro deu as aulas. Era um sábio ortodoxo, mas ele explicava a religião, a Torá*, de uma forma que nenhum reformista explica. Foi fabuloso! Essa turma formou um serviço religioso de sexta-feira à noite no Lar das Crianças da CIP, e que depois vieram todos para a B'nai B'rith. Hoje estamos juntos, sobreviventes.

Na casa de Hans Rosenthal, diretor da Eletromag, costumavam se reunir alguns convidados em uma área térrea, onde as crianças cantavam as melodias aprendidas com a Sra. Helena, na casa do casal Diesendruck. Depois a celebração passou a ser em nossa casa. Lembro-me de que organizamos uma linda festa de Chanucá*, quando as crianças ainda eram pequenas. Durante uns trinta anos repetimos estes encontros. Hoje, pais, avós e bisavós se reúnem, levando cada um a sua *menorá**.

Retorno à terra natal

Voltei à Alemanha muitos anos depois de minha chegada ao Brasil, convidado pela prefeitura de Berlim, que patrocinou a passagem, estadia, almoço, para mim e um acompanhante. Havia uma lista, que seguia a ordem de idade, e iam chamando primeiro os mais velhos, usando uma doação feita, anos atrás, por judeus. Participavam pessoas de Israel e Estados Unidos, contemplando apenas os judeus que nasceram em Berlim. Devíamos comprovar. Então, levei anos para resolver e aí eu também fui para Berlim. Depois, retornei a trabalho, diversas vezes.

Digo que sou indiferente à Alemanha como Alemanha. Sou indiferente porque aqueles que fizeram o mal já se foram. Os de hoje não têm culpa. Berlim continua sendo minha cidade natal. Isso sim, com isso posso dizer. Não sou alemão, embora eu tenha passaporte, mas eu sou berlinense. Depois vim procurar a dupla nacionalidade, mas eu sou berlinense. Eu fui com Edda, minha esposa, para Berlim, onde visitamos os túmulos de meus avós, e, por incrível que pareça a coincidência, foi no dia do aniversário de meu pai.

Hoje, quando penso na Shoah, que é o Holocausto em si, relembro os relatos de meus irmãos da B'nai B'rith, sobreviventes que conseguiram sair da Alemanha como, por exemplo, aqueles que foram salvos pela operação *Kindertransport*.^A Acredito que se tivesse ficado na Alemanha, também teria seguido com o *Kindertransport* para a Inglaterra. Aqueles que estiveram em Auschwitz, os que estiveram em Bergen-Belsen, os que estiveram em Theresienstadt, ainda convivo com eles na B'nai B'rith. Quarenta anos, o suficiente para conhecer a história deles.

A- *Kindertransport* (em alemão) quer dizer “Transporte de crianças”, nome de uma grande operação humanitária que consistiu no transporte de cerca de dez mil crianças judias, sem acompanhamento de seus pais ou parentes, oriundas da Alemanha, Polônia, Áustria, Checoslováquia e Cidade Livre de Dantzig, para o Reino Unido. O objetivo deste deslocamento de crianças era o de colocá-las a salvo das políticas genocidas do nazismo. Ocorreu a partir da Noite dos Cristais, em novembro de 1938, e estendeu-se até o início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939. As crianças foram acolhidas por famílias inglesas, em pensões e quintas. Em 18 de novembro de 1938, a Câmara dos Comuns discutiu o caso e aprovou o programa, confiando-o a Norbert Wolheim.

Eu digo que fui abençoado por D'us, pois consegui escapar de tudo isso. Hoje tenho 87 anos e dou graças a D'us. Passei por coisas difíceis, mas não foi nada...! É um brinquito em relação ao que o povo judeu passou nos campos de concentração criados por Hitler. Então, tive muita sorte, muita sorte. Isso me faz ter uma grande gratidão a D'us. Cada vez fui entendendo mais, pois na época da *Kristallnacht*, interessante, eu era ainda criança. Algumas coisas ficaram gravadas na minha memória, não entendia bem, mas continuo me lembrando delas. Este foi um *pogrom* instigado pela SS que reuniu arruaceiros que ajudaram a quebrar o que encontravam pela frente. Não foi por vontade própria, mas induzidos por um líder. Foram juntos, pois o alemão precisava de alguém que os dirigisse. Hitler foi ideal. Ele favoreceu o trabalhador com férias, isso ele fez para os seguidores dele, muita coisa. Mas a que custo? Hoje eu convivo com essas lembranças, ainda mais através do convívio na B'nai B'rith. Assim, eu dou graças a D'us...

Outra coisa de que me lembro, quando tivemos que vender os móveis através de um corretor, o pessoal vinha lá para ver, mas teve um que disse assim: "O senhor me desculpe por estarmos nos aproveitando de sua situação". Isso ficou gravado em mim, pois eles sabiam, sabiam, sabiam... Ou então alguns diziam assim: "O senhor nem parece judeu!". Tudo isso era resultado de uma lavagem cerebral terrível. Lembro aqui que os alemães tinham um jornal^A que publicava caricaturas de judeus, e a Alemanha foi o único país que teve um ministro da Propaganda, o Goebbels.^B

A- Um destes jornais era o *Der Strümer* (O Tempestuoso), fundado por Julius Streicher em 1923 e que circulou até 1945. Estilo tabloide, publicava matérias de teor antissemita fartamente ilustradas com caricaturas que tinham como tema o judeu errante, o judeu internacional, o judeu explorador do povo, além de assassino, comunista e responsável pelas guerras.

B- Joseph Goebbels (1897-1945) obteve o grau de doutor em filosofia pela Universidade de Heidelberg, e aderiu ao Partido Nazista em 1924, onde trabalhou com Gregor Strasser. A partir de 1926, ao ser nomeado *Gauleiter* (líder distrital) por Berlim, dedicou-se a promover o partido por meio de intensa propaganda. A partir de 1933, com a chegada dos nazistas ao poder, assumiu rapidamente o controle da imprensa, artes, rádio e demais meios de informação na Alemanha, onde atuou como ministro da Propaganda na Alemanha nazista entre 1933-1945. Devoto seguidor de Adolf Hitler, ficou conhecido pelos seus dons de oratória e pelo seu virulento antissemitismo, que o levou a apoiar o extermínio dos judeus no Holocausto. Goebbels e sua esposa suicidaram-se em 1º de maio de 1945, depois de terem matado os seis filhos com cianeto.

Mensagem sobre o Brasil

Vejam, o Brasil é tão grande, tão grande, que não é um país, é um continente. Aqui convivemos com pessoas diferentes, do Norte e Nordeste e do Sul. Fazendo uma comparação com a Argentina, que é um país menor, podemos dizer que o Brasil é o país do futuro. Não podemos deixar a peteca cair. Temos que continuar e acreditar cada vez mais no Brasil, que se D'us quiser vai engrandecer. Israel, onde estive duas vezes, é um país fantástico. E aqueles que falam contra Israel, ao menos o pessoal daqui, devia se mudar para lá, pois não sabem o que os judeus conseguiram fazer lá. Eu sempre digo: devemos ter fé! Na Bíblia há uma reza que começa em hebraico: D'us, nosso D'us, nossos pais, D'us de Isaac... D'us de Abraão, Isaac e Jacob. Explicação: cada um deles, os Patriarcas, teve que achar seu caminho. Isso não é o DNA, cada um tem que achar sua forma, que não pode ser imposta. Mas, para isso, é preciso ter coragem, perseverança, honestidade, trabalhar em dobro pelo Brasil, por Israel e pelo judaísmo.